

CHARLES OMAN

**A ARTE DA GUERRA
NA IDADE MÉDIA**

Tradução de
Pedro Santos Gomes

alma
dos
livros

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

CAPÍTULO 1

A TRANSIÇÃO NAS FORMAS DE GUERRA: DO IMPÉRIO ROMANO À ÉPOCA MEDIEVAL (378-582 D.C.).....	15
--	----

O desaparecimento da legião • A reorganização de Constantino • As tribos germânicas • A batalha de Adrianopla • A lição de Teodósio • Vegécio e o exército no final do século IV • Os Godos e os Hunos • O exército do império Oriental • A importância da cavalaria

CAPÍTULO 2

O INÍCIO DA IDADE MÉDIA (476-1066 D.C.).....	31
--	----

A escassez de dados referentes ao período • Os Francos no século VI • A batalha de Tours • Os exércitos de Carlos Magno • Os Francos tornam-se cavaleiros • Os Nórdicos e os Magiães • A ascensão do feudalismo • Os Anglo-Saxões e as suas guerras • Os Danos e o *fyrd* • A importância militar dos Tanos • A *Housecarl* • A batalha de Hastings • A batalha de Durazzo

CAPÍTULO 3

OS BIZANTINOS E OS SEUS INIMIGOS (582-1071 D.C.)	49
---	----

(1) CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ESTRATÉGIA BIZANTINA.....	49
--	----

A excelência do exército bizantino • Estudo científico da arte da guerra • *Tática*, de Leão • As guerras com os Francos, os Turcos, os Eslavos e os Sarracenos • As guerras fronteiriças dos reinos Cristão e Islâmico • A defesa dos Temas Anatólicos • A cavalaria como força defensiva • O caráter pragmático e profissional dos oficiais bizantinos

(2) ARMAS, ORGANIZAÇÃO E TÁTICAS DO EXÉRCITO BIZANTINO	64
---	----

Maurício e a reorganização do exército imperial oriental • A composição do exército imperial oriental • Armamento dos cavaleiros (600-1000 d.C.) • Armamento da infantaria • O comboio militar e os engenheiros • Os oficiais • Táticas de cavalaria • A formação de batalha idealizada por Leão • A importância das máquinas de guerra

CAPÍTULO 4

A SUPREMACIA DA CAVALARIA FEUDAL (1066-1346 D.C.)	79
--	----

A natureza pouco científica das táticas feudais • As consequências dos ataques frontais • O caráter primitivo das disposições táticas • A ausência de estratégia • A fraqueza da infantaria • Tentativas de introdução de disciplina • A ascensão das tropas mercenárias • A importância suprema das posições fortificadas • A ascendência das táticas

defensivas • O cerco medieval • Melhoria dos métodos de ataque e defesa em posições fortificadas • O caráter geral das campanhas da época • As Cruzadas

CAPÍTULO 5

OS SUÍÇOS (1315-1515 D.C.).....	97
(1) CARACTERÍSTICAS, ARMAS E ORGANIZAÇÃO	97
Os Suíços e os antigos Romanos • A importância superior do sistema vs. a importância dos generais • A coluna de piqueiros • Os alabardeiros • A velocidade de movimentos dos Suíços • Armadura defensiva • Caráter dos exércitos suíços	
(2) TÁTICAS E ESTRATÉGIA	108
Os capitães dos Confederados • A tática de três colunas em diagonal • As formações da «cunha» e do «ouriço»	
(3) DESENVOLVIMENTO DA SUPREMACIA MILITAR SUÍÇA	113
A batalha de Morgarten • A batalha de Laupen • A batalha de Sempach • A batalha de Arbedo • A ascendência moral dos Suíços • A batalha de Granson • A batalha de Morat • As guerras dos últimos anos do século xv	
(4) O DECLÍNIO DA SUPREMACIA SUÍÇA	135
A tipificação das táticas suíças • Os <i>landsknechts</i> e a rivalidade com os Suíços • A infantaria espanhola e a espada curta • A batalha de Ravenna • Posições fortificadas • A batalha de Bicocca • O aumento do uso de artilharia • A batalha de	

Marignano • O declínio da disciplina e as respectivas consequências nos exércitos suíços

CAPÍTULO 6

OS INGLESES E OS SEUS INIMIGOS

(1272-1485 D.C.) 147

A origem do arco longo (galesa em vez de normanda) e a rivalidade com a besta • Eduardo e a batalha de Falkirk • O arco e o pique • As lições da batalha de Bannockburn • Os cavaleiros franceses e os arqueiros ingleses • A batalha de Crecy • A batalha de Poitiers • Du Guesclin e os revezes ingleses • A batalha de Agincourt • As guerras francesas (1415-1453) • A batalha de Formigny • A Guerra das Rosas • A liderança de Eduardo IV • As batalhas de Barnet e Tewkesbury • Towton e Falconbridge

CAPÍTULO 7

CONCLUSÃO..... 189

Zizka e os Hussitas • A fortaleza móvel e as táticas que dela dependiam • A ascendência e o declínio dos Hussitas • A batalha de Lipan • Os Otomanos • A organização e o equipamento dos Janízaros • A cavalaria timariote • Outras nações europeias • Considerações finais

INTRODUÇÃO

A arte da guerra tem sido definida, de uma forma muito sucinta, como «a arte que permite a um comandante suplantar as forças que se lhe opõem». Desse modo, encontra-se diretamente relacionada com uma variedade de áreas de conhecimento, das quais a estratégia e a tática militar são apenas duas das mais importantes. Além de lidar com a disciplina, a organização e o armamento, é uma arte que procura, por todos os meios e ferramentas à disposição, soluções que podem ser adaptadas com vista a aumentar a capacidade física ou moral de um exército. O autor que no seu trabalho disserta sobre «a idade adequada de um generalíssimo» ou o que aborda «a altura média recomendada de um soldado de infantaria»¹ refere-se à arte da guerra com o mesmo

¹ Vegécio e Maurício.

peso e medida da pessoa que se limita a especular sobre táticas.

Tendo em conta a intrincada natureza do assunto, torna-se evidente que, ao traçarmos um retrato exaustivo da história social e política de qualquer período, somos obrigados a olhar para a arte da guerra vigente na época. Essa arte existe, na sua forma mais rudimentar, desde o dia em que duas pessoas escolheram recorrer ao uso da força para resolver uma disputa. Existiram períodos, porém, em que as histórias militar e social estiveram mais interligadas do que em outros. No presente século, as guerras não têm sido mais do que episódios passageiros, mas houve tempos em que toda a organização de um país assentava numa realidade belicista. Nesses casos, o desenvolvimento social e a arte da guerra são indissociáveis. Explicarmos a constituição de Esparta ou da Antiga Germânia obriga-nos a pouco mais do que apresentar uma lista das suas instituições militares. Pelo contrário, falarmos das características das respectivas tecnologias militares implica mencionarmos muitas das suas instituições políticas.

Em nenhuma altura esta interpretação foi mais evidente do que na época que constitui um período central da nossa história. O feudalismo, quer na origem quer no desenvolvimento, teve um lado militar e social, e o seu declínio não se encontra de todo isento de considerações militares. Existe um ponto de vista que nos permite assinalar este período como o tempo da «ascensão, supremacia e declínio da cavalaria pesada enquanto força dominante no campo de batalha». Até certo ponto, a análise desta tese constituirá

o interesse da nossa pesquisa. É aqui que encontramos o fio condutor que liga a arte militar e a Idade Média como um todo. Entre as batalhas de Adrianopla e Marignano, passando pelos triunfos dos cavaleiros medievais, estes são os capítulos da história científica da guerra que pretendemos explorar.

CAPÍTULO 1

A transição nas formas de guerra: do império Romano à época medieval 378-582 d.C.

(Da batalha de Adrianopla à ascensão de Maurício)

De meados do século IV ao final do século VI existiu um período de transição na história militar, uma época de transformações de tal forma bizarra e completa como as mudanças que cimentaram um novo curso na história política e na civilização europeia. Na guerra, como em tudo o resto, as instituições do mundo antigo morreram e deram lugar a uma nova ordem das coisas.

Os sintomas desse período de transição são fascinantes, e nenhum mais característico do que o desuso gradual do termo «legião», esse título intimamente ligado à grandeza do império Romano. Sobrevivendo com uma utilização mínima no tempo do imperador Justiniano,¹ tornar-se-ia

¹ Na obra *The Life of Belisarius*, Lorde Mahon defende erradamente que o termo «legião» deixara de ser conhecido no tempo de Justiniano. Embora esporadicamente, encontramos a palavra nas obras de Procópio, que preferia chamar os legionários de οἱ ἐκ τῶν καταλόγων (*hoi ek tôn katalogôn*).

obsoleto decorridos 50 anos. Representava uma forma de eficiência militar que desaparecera. A espantosa combinação de força e flexibilidade, por demais sólida e fácil de manejar, deixara de corresponder às necessidades da época. O tempo do gládio e do pilo tinha dado lugar ao do pique e do arco e flecha. O soldado romano típico deixara de ser o legionário de ferro que, de escudo colado ao ombro esquerdo e empunhando a espada junto ao chão, abria caminho por uma muralha de lanças e resistia à mais empenhada horda de Celtas ou Germanos.² A organização de Augusto e Trajano foi posta de lado por Constantino, e as legiões que ao longo de 300 anos preservaram a sua identidade, o prestigioso título, a honra e o espírito de corpo perderam a identidade.³

Constantino, que reduziu os números da unidade militar a um quarto da antiga força e a substituiu por outras,⁴ fê-lo por razões políticas que nada tinham que ver com conveniência militar.⁵ O armamento e o caráter geral das tropas sobreviveram à reorganização, e a infantaria, a *robur peditum*, manteve o estatuto de unidade mais numerosa e importante de um exército. Ao mesmo tempo, porém, a tendência para o fortalecimento da cavalaria fez-se notar, e a proporção desta em relação ao grosso das tropas cresceu progressivamente durante o século IV. Ao privar a legião

² Tácito, *Anais*, vol. II, p. 21.

³ As antigas legiões do século I mantêm o seu vigor e expressão até ao final do século III. As moedas cunhadas pelo usurpador Caráusio, imperador da Britânia, mostram-no como o comandante das várias legiões que se encontravam estacionadas na Britânia e na Gália desde o reinado de Cláudio.

⁴ Caráusio comandava 132 legiões e outras tropas auxiliares, além de 100 coortes.

⁵ Consultar Gibbon, vol. II, cap. XVII.

da sua *turma* com fim a reunir esses cavaleiros em unidades maiores e independentes, o próprio Constantino testemunhou a sua importância crescente. Dir-se-ia que o império – que abandonara finalmente a postura ofensiva e optara por uma estratégia de defesa das suas províncias – percebera a necessidade cada vez maior de contar com tropas capazes de se deslocarem rapidamente de um ponto ameaçado para outro. Os Germanos conseguiam suplantar facilmente a velocidade de ação da legião, por norma sobrecarregada pelas suas máquinas de guerra e demais constrangimentos. Uma cavalaria mais forte e numerosa foi a solução natural para interceptar esses ataques.

Mas havia, ao que tudo indica, uma razão mais forte para um maior desenvolvimento da cavalaria. A superioridade da infantaria romana sobre os inimigos deixara de ser tão evidente como no passado, o que obrigava a um cada vez maior apoio dos soldados a cavalo. Os Francos, os Burgúndios e os Alamanos do tempo de Constantino não eram mais os selvagens mal-armados que, no século I, «sem elmos ou cota de malha, com escudos ligeiros de vime e armados unicamente com um dardo»,⁶ tentavam debelar a frente organizada das coortes. Estes povos contavam agora com o broquel de ferro fundido, o pique, a espada curta (*saxo*), bem como com a espada longa (*espata*) e o mortífero *frankisque*, ou machado de guerra, o qual, empunhado ou arremessado, penetrava as armaduras e os escudos romanos. No combate de proximidade, ou de corpo

⁶ Consultar Tácito, *Anais*, vol. II, p. 14.

a corpo, estas armas suplantavam de tal forma a velha frâmea que a infantaria imperial deixou de olhar para as tribos germânicas como inimigos fáceis de espezinhar. Ao mesmo tempo, o ânimo do exército romano conhecera melhores dias: as unidades tinham perdido a sua homogeneidade e o insuficiente recrutamento de homens para as legiões foi alargado aos escravos e aos bárbaros, deixando, assim, de ser uma característica exclusiva das tropas auxiliares.⁷ Embora raramente lhes faltasse a coragem, os soldados do século IV tinham perdido a confiança e a coesão da antiga infantaria romana, o que obrigava a decisões mais ponderadas de quem os comandava. Prova inegável da nova realidade foi a proposta do estratega Urbício, quando sugeriu que fosse fornecido aos legionários um carregamento de estacas e traves que seriam carregados por mulas atribuídas a todas as coortes. Este material seria cravado no chão de forma a erguer barreiras na dianteira e nos flancos das legiões, protegendo-as dos ataques de cavalaria inimiga. Resguardados pelas barreiras, os soldados romanos deviam então aguardar pelo ataque, sem nunca tentarem assumir uma postura ofensiva em combate.⁸ Esta proposta assinala uma evidente decadência na eficiência do soldado de infantaria imperial. Os homens de gerações anteriores, habituados a repelir com facilidade

⁷ Quando os Romanos abandonaram as campanhas ofensivas, passaram a necessitar de um exército maior e capaz de proteger toda a fronteira do seu domínio. Isto foi feito através do alargamento do processo de recrutamento e da despesa militar às mãos de Constantino, que, segundo o que se dizia, teria quase meio milhão de soldados à disposição.

⁸ Consultar 'ΟΥΡΒΙΚΙΟΥ ΕΠΙΤΗΔΕΥΜΑ (*Ourbikiou epitêdeuma*), uma obra do século IV publicada em 1598.

os ataques dos catafractários dos Partas e Sármatas, teriam feito troça de semelhante estratagema.

Esta tendência para a deterioração da infantaria romana, e a conseqüente negligência desta unidade militar pelos generais da altura, culminou numa tragédia previsível. A batalha de Adrianopla constituiu a derrota mais pesada do exército romano desde a batalha de Canas, uma carnificina muito justamente comparada pelo historiador militar Amiano Marcelino. O imperador Valente, todos os seus oficiais⁹ e 40 mil homens perderam a vida naquele campo. O exército do Oriente foi praticamente aniquilado e nunca mais voltou a ser reorganizado de acordo com os pressupostos anteriores.

A importância militar da batalha de Adrianopla é incontestável; tratou-se de uma vitória da cavalaria sobre a infantaria. O exército imperial atacou a posição dos Godos, e as duas forças lutavam ferozmente quando um extenso corpo de cavalaria carregou sobre o flanco dos Romanos. Tratava-se da força principal da cavalaria goda, que não se encontrava no local. Ao serem avisados do ataque, estes cavaleiros foram diretamente para o campo de batalha. Dois esquadrões de Valente que cobriam o flanco lançaram-se no caminho dos atacantes e foram espezinhados. Os Godos prosseguiram com a investida, varreram a infantaria na ala esquerda e avançaram para o centro. O impacto foi de tal ordem que as legiões e as coortes foram empurradas até se misturarem numa confusão irrecuperável. Todas as

⁹ Os grão-mestres da infantaria e da cavalaria, o conde palatino e 45 comandantes de diferentes unidades.

tentativas para manter as posições falharam e, numa questão de minutos, as alas, o centro e as tropas de reserva formavam uma massa indistinguível de homens. Guardas imperiais, tropas ligeiras, lanceiros, federados e infantaria foram espremidos numa massa cada vez mais compacta. Percebendo que a batalha estava perdida, a cavalaria romana pôs-se em fuga. Só então a infantaria abandonada percebeu o horror da situação. Impossibilitados de lutar ou de fugir, restava àqueles homens esperar até serem trucidados. Foi algo apenas visto antes em Canas, e mais tarde em Rosbecque. Homens incapazes de erguer os braços e desferir um golpe, de tal ordem lhes faltava o espaço para se moverem; lanças a partirem-se a torto e a direito, sem que ninguém conseguisse erguê-las na posição vertical; homens a tombar sufocados. Foi contra esta massa humana que os Godos cavalgaram, desferindo golpes de espada e de lança contra um inimigo impotente. Foi preciso esperar até que dois terços do exército romano caíssem para alguns milhares de homens aproveitarem o aliviar das fileiras e se porem em fuga com os companheiros da ala direita e da cavalaria.

Assim foi a batalha de Adrianopla, a primeira grande vitória conquistada pela cavalaria pesada e uma demonstração inequívoca da sua superioridade sobre a poderosa infantaria de Roma como a nova força suprema da guerra. Durante a permanência nas estepes do sul da Rússia, os Godos, os primeiros das tribos Teutónicas, tornaram-se uma nação de cavaleiros. Enquanto ocuparam a Ucrânia, sentiram a influência dessa terra, eterno berço do combate

a cavalo desde os tempos dos Citas, dos Tártaros e dos Cossacos. «Consideravam o combate a cavalo mais honroso do que o combate a pé»,¹⁰ e todos os líderes das tribos tinham o seu grupo de cavaleiros. Forçados a envolverem-se num conflito indesejado com o império, encontraram-se ante o exército que amedrontara o mundo durante séculos. O choque deu-se e, com alguma surpresa, os Godos descobriram que as suas lanças robustas e os seus fiéis corcéis os levariam à vitória contra as compactas formações da legião. Eles tinham-se tornado os senhores da guerra, os antecessores dos cavaleiros da Idade Média e os pioneiros da ascendência da cavalaria que perduraria suprema durante mil anos.

Teodósio, a quem foi devolvida a tarefa de reestruturar as tropas do império Oriental, terá tirado as devidas lições da batalha de Adrianopla. Abandonando a antiga teoria romana da guerra, decidiu que a cavalaria deveria constituir o braço mais importante do exército imperial. De modo a reunir o número desejado de soldados a cavalo, optou por uma estratégia que romperia toda a continuidade entre a organização militar do século IV e a do século V. Ao contrário de Constantino, não criou novas unidades, preferindo subornar os líderes teutónicos que por via desse expediente aceitassem servi-lo. Os cavaleiros fiéis a esses príncipes não foram incorporados nas tropas nacionais. Ao invés, obedeciam exclusivamente aos seus comandantes imediatos e eram alheios à disciplina do exército romano.

¹⁰ Maurício, *Strategikon*, vol. VI.